Nome: Lucas Gabriel Da Silva.

SÉRIE/TURMA/CURSO: 1º A – Novotec Desenvolvimento de Sistemas

COMPONENTE CURRICULAR: Educação Física

PROFESSORA: Paula Rived Garcia

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Relacionamento de ideias / Clareza na expressão escrita/ Coerência e Coesão.

10ª ATIVIDADE do POAH: Período: 16/08/2021 a 29/08/2021

Prezado(a) aluno(a), sua tarefa será:

· Pesquisar na internet e/ou em outra fonte sobre: Comportamento Social: Preconceitos de Racismo, Homofobia, Xenofobia e Religioso.

· Pesquisar: Realizar uma pesquisa sobre os tipos de Preconceitos citados, explicando o que venha a ser esses preconceitos.

· Pesquisar: Citar 1 exemplo de cada preconceito, se possível, de fatos ocorridos no esportes.

· Pesquisar: Citar no RACISMO FATOS OCORRIDOS EM OLIMPIADAS;

· sites: Google acadêmico, sites especializados, fóruns, blogs, bibliotecas virtuais, etc...

ü Após realizar a pesquisa, leia e faça um trabalho contendo todas as informações importantes e imprescindíveis de cada itens dos temas propostos.

ü Postar o trabalho na Plataforma Teams “arquivo Word” até o dia 29/08/2021.

Existindo dúvidas sobre a atividade, deixe mensagem na plataforma teams ou outra mídia social, direcionada para o professor e eu responderei assim que visualizar. Capriche e faça um bom trabalho! Logo estaremos todos juntos novamente! Cuide-se! Abraço!

Racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos. Muitas vezes toma a forma de ações sociais, práticas ou crenças, ou sistemas políticos que consideram que diferentes raças devem ser classificadas como inerentemente superiores ou inferiores com base em características, habilidades ou qualidades comuns herdadas. Também pode afirmar que os membros de diferentes raças devem ser tratados de forma distinta.[1][2][3]

Alguns consideram que qualquer suposição de que o comportamento de uma pessoa está ligado à sua categorização racial é inerentemente racista, não importando se a ação é intencionalmente prejudicial ou pejorativa, porque estereótipos necessariamente subordinam a identidade individual a identidade de grupo. Na sociologia e psicologia, algumas definições incluem apenas as formas conscientemente malignas de discriminação.[4][5]

Entre as formas sobre como definir o racismo está a questão de se incluir formas de discriminação que não são intencionais, como as que fazem suposições sobre preferências ou habilidades dos outros com base em estereótipos raciais, ou formas simbólicas e/ou institucionalizadas de discriminação, como a circulação de estereótipos étnicos pela mídia. Também pode haver a inclusão de dinâmicas sociopolíticas de estratificação social que, por vezes, têm um componente racial. Algumas definições de racismo também incluem comportamentos e crenças discriminatórias baseadas em estereótipos culturais, nacionais, étnicos ou religiosos.[2] Uma interpretação do termo sustenta que o racismo é melhor entendido como "preconceito aliado ao poder", visto que sem o apoio de poderes políticos ou econômicos, o preconceito não seria capaz de manifestar-se como um fenômeno cultural, institucional ou social generalizado.[6][7] Alguns críticos do termo afirmam que ele é aplicado diferencialmente, com foco em preconceitos que partem de brancos e de formas que definem meras observações de eventuais diferenças entre as raças como racismo.[8]

Enquanto raça e etnia são considerados fenômenos distintos na ciência social contemporânea, os dois termos têm uma longa história de equivalência no uso popular e na literatura mais antiga das ciências sociais. O racismo e a discriminação racial são muitas vezes usados para descrever a discriminação com base étnica ou cultural, independente se essas diferenças são descritas como raciais. De acordo com a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial das Organização das Nações Unidas (ONU), não há distinção entre os termos "discriminação racial" e "discriminação étnica", sendo que a superioridade baseada em diferenças raciais é cientificamente falsa, moralmente condenável, socialmente injusta e perigosa, além de não haver justificação para a discriminação racial, em teoria ou na prática, em qualquer lugar do mundo.[9]

Na história, o racismo foi uma força motriz por trás do tráfico transatlântico de escravos e de Estados que basearam-se na segregação racial, como os Estados Unidos no século XIX e início do XX e a África do Sul sob o regime do apartheid.[10] As práticas e ideologias do racismo são universalmente condenadas pela ONU, na Declaração dos Direitos Humanos.[11] Ele também tem sido uma parte importante da base política e ideológica de genocídios ao redor do planeta, como o Holocausto, mas também em contextos coloniais, como os ciclos da borracha na América do Sul e no Congo, e na conquista europeia das Américas e no processo de colonização da África, Ásia e Austrália.

Exemplo: Mario Balotelli, que possui ascendência ganesa, foi xingado por torcedores da Juventus em abril de 2009. A Vecchia Signora foi punida com um jogo de portões fechados. Durante uma partida do Maccabi Haifa, o atacante Ronny Rosenthal foi alvo de insultos antissemitas em 1989.

**Racismo na Olimpiada;**

Patrick Moster, diretor esportivo da equipe de ciclismo, foi enviado de volta à Alemanha após usar termos racistas em uma prova de ciclismo da última quarta-feira (29). Durante o circuito, Moster diminuiu Amanuel Ghebreigzabhier, da Eritreia, e Azzedine Lagab, da Argélia, ciclistas que estavam a frente de Nikias Arndt, atleta alemão.

Como a transmissão era ao vivo, o caso teve grande repercussão internacional. Para incentivar Nikias, o treinador gritou: 'Alcance os montadores de camelo'. Diante do ocorrido, Patrick Moster se desculpou.

- Sinto muito, o mínimo que posso fazer é me desculpar... isso não deveria ter acontecido - afirmou.

- Estamos convencidos de que suas desculpas públicas por suas declarações racistas de ontem são sinceras, mas com esse deslize, Moster violou os valores do Olimpismo - disse o presidente do Comitê Olímpico Alemão (DOSB), Alfons Hörman.

Nikias Arndt - que terminou na 19° posição - também se posicionou contra o caso em que considerou 'inaceitável'.

- Estou chocado e quero dizer claramente que nada tenho a ver com essas declarações, as palavras usadas são inaceitáveis - ponderou.

Homofobia (homo, pseudoprefixo de homossexual,[1][2] fobia do grego φόβος "medo", "aversão irreprimível"[3]) é uma série de atitudes e sentimentos negativos, discriminatórios ou preconceituosos em relação a pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo ou gênero, ou percebidas como tal. As definições para o termo referem-se variavelmente a antipatia, desprezo, preconceito, aversão e medo irracional.[4][5][6] A homofobia é observada como um comportamento crítico e hostil, assim como a discriminação[4][5] e a violência com base na percepção de que todo tipo de orientação sexual não-heterossexual é negativa.

Entre as formas mais discutidas estão a homofobia institucionalizada (por exemplo, patrocinada por religiões[7] ou pelo Estado[8]), a lesbofobia (a homofobia como uma intersecção entre homofobia e sexismo contra as lésbicas), e a homofobia internalizada, uma forma de homofobia entre as pessoas que experienciam atração pelo mesmo sexo.

Em 1998, Coretta Scott King, autora, ativista e líder dos direitos civis, declarou em um discurso: "A homofobia é como o racismo, o anti-semitismo e outras formas de intolerância na medida em que procura desumanizar um grande grupo de pessoas, negar a sua humanidade, dignidade e personalidade."[9] Em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação aos direitos humanos.[10]

Em maio de 2011, em referência ao Dia Internacional contra a Homofobia, a Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Navi Pillay, declarou:

"[...] Em última análise, a homofobia e a transfobia não são diferentes do sexismo, da misoginia, do racismo ou da xenofobia. Mas enquanto essas últimas formas de preconceito são universalmente condenadas pelos governos, a homofobia e a transfobia são muitas vezes negligenciadas. A história nos mostra o terrível preço humano da discriminação e do preconceito. Ninguém tem o direito de tratar um grupo de pessoas como sendo de menor valor, menos merecedores ou menos dignos de respeito. [...]"[11]

Exemplo: A equipe de futebol norte-americana abandonou o campo em forma de protesto na partida contra o Phoenix Rising, após um jogador adversário proferir comentários homofóbicos ao meio-campista Collin Martin.

Xenofobia (do grego ξένος, translit. xénos: "estranho"; e φόβος, translit. phóbos: "medo"[1]) é o medo, aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros,[2] a desconfiança em relação a pessoas que vêm de fora do seu país[3] com uma cultura, hábito, etnias ou religião diferente. A xenofobia compartilha diversas características com o racismo[4] podendo-se manifestar de várias formas, envolvendo as relações e percepções do endogrupo em relação ao exogrupo, incluindo o medo de perda de identidade, suspeição acerca de suas atividades, agressão e desejo de eliminar a sua presença para assegurar uma suposta pureza.[5]

A xenofobia pode ter como alvo não apenas pessoas de outros países, mas de outras culturas, subculturas, sistemas de crenças ou características físicas. O medo do desconhecido pode ser mascarado no indivíduo como aversão ou ódio, gerando preconceitos. Note-se, porém, que nem todo preconceito é causado por xenofobia.

A palavra xenofobia é comummente associada a aversão a outras etnias e culturas, e também associada à fobia em relação a pessoas ou grupos diferentes, com os quais o indivíduo que apresenta a fobia habitualmente não entra em contato ou evita fazê-lo.

Atitudes xenofóbicas incluem desde o impedimento à imigração de estrangeiros ou de pessoas pertencentes a diferentes culturas e etnias, consideradas como ameaça, até a defesa do extermínio desses grupos. Por esta razão a xenofobia tende a ser normalmente associada a preconceitos étnicos ou ligados a nacionalidade. Estereótipos pejorativos de grupos minoritários (por exemplo: "asiáticos são sujos", "muçulmanos são violentos",[6] "africanos são menos inteligentes", "europeus do norte são superiores aos europeus do sul", "povos anglo-saxões são superiores aos povos latinos", etc.) e conflitos de crenças podem levar um indivíduo ao ódio.

Exemplo: discriminação foi o técnico Rafael Dudamel, do Atlético a nacionalidade do treinador foi citada em meio a comentários com relação ao comportamento do venezuelano após a partida. O autor do texto, muito criticado após a publicação que gerou grande repercussão no meio esportivo, lembrou que o assunto “não é petróleo, nem beisebol, mercados fortes do país vizinho”

Intolerância religiosa[1] é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferenças ou crenças religiosas de terceiros. Pode-se constituir uma intolerância ideológica ou política, sendo que, ambas têm sido comuns através da história. A maioria dos grupos religiosos já passou por tal situação numa época ou outra. Floresce devido à ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.

Perseguição, neste contexto, pode referir-se a prisões ilegais, espancamentos, torturas, execução injustificada, negação de benefícios e de direitos e liberdades civis. Pode também implicar em confisco de bens e destruição de propriedades, ou incitamento ao ódio, entre outras coisas, que são atitudes de grande barbaridade.

Com o crescimento da diversidade religiosa no Brasil é verificado um crescimento da discriminação religiosa, tendo sido criado o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro) por meio da Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como um reconhecimento do próprio Estado da existência do problema.[1][2][3]

A Constituição prevê a liberdade de religião e a Igreja e o Estado estão oficialmente separados, sendo o Brasil um Estado laico.[4] A legislação brasileira proíbe qualquer tipo de intolerância religiosa, sendo a prática religiosa geralmente livre no país. Segundo o "Relatório Internacional de Liberdade Religiosa de 2005", elaborado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, a "relação geralmente amigável entre religiões contribui para a liberdade religiosa" no Brasil.[5]

Exemplo: Adepto do Candomblé e filho de Ogum, o volante Feijão, do Bahia, tem sido alvo de intolerância religiosa em seu perfil oficial no Instagram. O ápice das demonstrações de preconceito de fé aconteceu em sua última postagem na rede social. O jogador escreveu uma mensagem na qual dizia realizar diariamente seu sonho de ser jogador de futebol e terminava com reverência a Ogum, orixá guerreiro oriundo das religiões de matriz africana. As reações intolerantes logo apareceram. "Que diabo de Ogum, por isso que não vai pra frente", escreveu um internauta, que foi rebatido por Feijão. "Cada um com sua religião, não venha falar sua m... aqui na minha página não", respondeu o volante do Bahia.

"Ô seu macumbeiro, não venha pra cá tirar sua onda não que eu não como regue de você sua carniça. Saia do Bahia miséria", retrucou o mesmo internauta, elevando o tom a discussão. "Sou macumbeiro, não tenho vergonha não. Quem é você para me mandar embora do Bahia?", rebateu Feijão novamente. Procurado pelo UOL Esporte, o jogador afirmou respeitar todas as religiões e ter orgulho de pertencer ao Candomblé. Ele ainda lamentou a utilização das redes sociais para propagação desse tipo de discurso. “O cara confundiu as coisas, confundem muito religião com futebol. Nada contra nenhuma religião. Respeito todas as religiões. Espero que respeitem a minha. Sou do Candomblé e tenho muito orgulho. Tem várias outras pessoas também do Candomblé. Agora, espero que tenha coragem de chegar e falar na minha frente. Falar em rede social é muito fácil", disse Feijão, por meio da assessoria de comunicação do Bahia. "Querem fazer tumulto, principalmente comigo, que sou prata da casa, um dos líderes do grupo. Eu reagi normalmente. Vida que segue. É tranquilidade”, acrescentou o volante de 23 anos. Em meio ao bate-boca pelo Instagram, diversos internautas demonstraram apoio ao jogador e repúdio às mensagens de intolerância religiosa - tipificadas no artigo 208 do Código Penal como crime de ódio, com pena prevista de um a três anos de reclusão. "Quer discutir religião? Me diz onde está escrito que só a sua salva? Me fala em que você se baseia para criticar uma religião? Me dê argumentos contundentes para que eu aceite o fato de você ter cometido um crime chamado preconceito religioso. As religiões de matrizes afros são tão importantes quanto qualquer outra, creio que seu Deus pregue o amor, assim como o Deus dessas religiões, o que nos diferencia é que alguns cumprem esse amo r, outros saem falando besteira. Respeita Ogum, respeita Deus, respeita Alá, enfim, respeite, ame e não venha no Instagram pessoal dos outros querer ofender a fé de ninguém", postou uma internauta.